

## **Agroecologia nas Escolas de Educação Básica: fortalecendo a resistência ativa!**

Roseli Salete Caldart – Texto de Exposição<sup>1</sup>

### **Reforma Agrária Popular, resistência ativa e trabalho educativo**

Para o MST lutar e construir a *Reforma Agrária Popular (RAP)* é sua forma principal de *Resistência Ativa* nesse momento histórico. Na resposta prática à questão *que função social se deve dar à terra*, a contribuição Sem Terra à luta contra a *devastação da vida* e contra a *alienação* que impede que essa luta já seja de toda humanidade... A RAP entrelaça reapropriação social da terra, soberania alimentar, agroecologia, trabalho associado, trabalhadores e trabalhadoras buscando assumir o comando de seu próprio destino. Ajudando a projetar e a experimentar ainda no presente relações não antagônicas entre ser humano e natureza e dos seres humanos entre si.

Pensar sobre o que isso significa e implica para nosso trabalho educativo, e em especial nas escolas de educação básica, é um dos objetivos principais desse encontro de educadoras e educadores dos assentamentos de reforma agrária vinculados ao MST.

Talvez não seja demais dizer que o sentido maior da RAP para o trabalho na educação nos foi afirmado pelas *crianças Sem Terrinha* na sua 19ª Jornada Estadual no RS, realizada em outubro: entre sorrisos e rostos alegres, elas nos seus depoimentos, mais do que denunciar problemas *insistiam em falar do que gostam na vida que levam*: os alimentos que comem e ajudam a produzir, o ar puro que respiram, a bela morada que têm, suas brincadeiras ao ar livre, a comunidade em que vivem, as escolas em que estão... O cuidado com a vida que demonstram sentir...

O que do seu jeito denunciaram fundo: *não podemos perder o que temos!* Não permitam que roubem a vida que conquistamos com vocês! Não deixem de continuar essa *construção* e nos ajudem a participar dela... *Poderia haver melhor clamor à continuidade da luta do que esse?*

Pensem: esse chamado das crianças Sem Terrinha não é outro jeito de dizer o que nos dizem estudiosos e militantes das lutas camponesas como, por exemplo, o mexicano Armando Bartra, que afirma: “Se dice que los obreros luchan y son revolucionarios porque no tienen nada que perder más que sus cadenas. Los campesinos, en cambio, luchan y son revolucionarios porque tienen algo que perder; porque no quieren ser desposeídos de lo que aún les queda, sus comunidades: los pequeños y entrañables mundos que han sabido preservar del capitalismo y que quisieran expandir al planeta entero”<sup>2</sup>. Notem o destaque que faz às *comunidades*, nem sempre valorizadas pelos adultos que vivem nelas...

*O que não podemos perder!* Uma boa chave para nossas reflexões, nosso planejamento coletivo. Um jeito de retomar nossas discussões sobre concepção de educação, sobre a Pedagogia do Movimento. Pelo que resistimos? Nos idos dos anos 1990, quando começamos nossos cursos de Magistério e firmamos o trabalho do setor de educação, nos reuníamos como coletivo de educadoras para discutir sobre a “escola que queremos” sempre diferente da “escola que temos” ou tínhamos... Hoje talvez ainda seja assim, mas com certeza em muitos lugares e em muitas dimensões do trabalho feito já podemos dizer, como nos disseram as crianças Sem Terrinha, que *a escola que temos é a escola que queremos continuar construindo*, coletivamente, amorosamente...

---

<sup>1</sup> Exposição realizada no VIII Encontro Estadual de Educadoras e Educadores de Assentamentos de Reforma Agrária do MST RS. Nova Santa Rita, 30 e 31 de outubro 2019. Mesa: “Reforma Agrária Popular, Agroecologia e Educação”, compartilhada com Adalberto Martins na manhã de 31 de outubro.

<sup>2</sup> Verbete “Campeiros”, do Dicionário Agroecologia e Educação, no prelo pela EPSJV/Expressão Popular, texto original em espanhol.

Precisamos discutir melhor sobre *o que mesmo não podemos perder da construção* que já fazemos há pelo menos 35 anos. Certamente não é tudo que temos ou somos... Porque muito do que fazemos e somos também é fruto da *alienação ao sistema que nos asfixia*. Esse sistema, o capitalista, atravessa uma das crises estruturais mais profundas de sua história. É seu motor econômico que está falhando (a taxa de lucro dos capitalistas está em perigo!) e as tentativas de sair da crise tornam cada vez mais insana e violenta a exploração de tudo e de todos. Para o sistema o melhor é que educadores não pensem no que têm sido pressionados a fazer (ou não fazer) nas escolas; menos ainda para que criem ou se rebellem... Se virarmos “robôs”, melhor “educaremos” a nova geração de trabalhadores necessária para adiar um pouco mais a explosão do sistema. Só que isso tem um limite, humano. Ensinar o que se deve saber e como se comportar para poder ser explorado não é educação; é alienação. *Os seres humanos tendem a buscar mais humanidade*; tendem a conhecer e a criar. Quando o sistema sufoca demais, as pessoas tendem a se rebelar e a buscar alternativas. Nenhum sistema é absoluto. As insurgências fazem parte da história, que nunca se fecha...

*Pensemos nisso*: o que também podemos ouvir do que nos dizem as crianças: *por favor, não se deixem asfixiar pelo sistema doente, insano* (sistema social, educacional,...); não permitam que o pulsar da vida seja retirado do seu trabalho de educar; busquem oxigênio, energia, movimento. *Não se deixem adoecer*, não se deixem sufocar... Precisamos de vocês lutando contra a devastação da vida para que a nossa luta pela vida ainda seja possível... E que continuem a construir escolas que “não tenham muros” (Gilvan), para que a *luz do sol*, sem a qual não há vida, entre mais facilmente...

Notem: a *asfixia* do trabalho da educadora, do educador, pode vir de múltiplas e às vezes perversas tentativas de sua simplificação. A monocultura é agricultura da morte porque ela simplifica ao máximo o metabolismo da vida (os fluxos de energia e matéria que a sustentam). A vida é complexa. A natureza é complexa. A formação humana é complexa... Simplificar a forma de tratar a vida pode matá-la. Simplificar o trabalho de educar (reduzir, padronizar, desqualificar, precarizar) é uma forma de asfixia. O sistema hoje tenta nos convencer que não vale à pena pensar sobre o que fazemos: por que criar processos pedagógicos se podemos copiar um modelo padrão? Por que preparar aulas se podemos seguir uma apostila preparada visando o “futuro” dos estudantes? Por que pensar na escola inteira ou até no entorno da escola se é possível ficar centrado (preso) no trabalho já facilitado de sala de aula e se é possível deixar que gestores “mais competentes”, empresariais, agora militares, cuidem do “resto” (leia-se: de dimensões básicas da vida humana)?

E agora vem o Movimento e nos chama para ajudar a construir a RAP, a trabalhar com a Agroecologia, quer que estudemos, indicam textos e mais textos pra ler... Mas isso é muito complexo... Mais um peso nas nossas costas cansadas... Será que não é melhor deixar tudo como está porque já que o oxigênio está racionado, parados morreremos mais lentamente?

Muitas educadoras, muitos educadores estão adoecendo presos a esse círculo perverso. Alguns tentam fugir desse ambiente insano. Mas existem muitas pessoas, muitos coletivos que se rebelam! *Há fortes sinais de luta pela vida entre nós*. E a vida sempre pode vencer. Estas educadoras buscam frestas por onde o ar possa entrar e devolver a força para lutar contra o sistema que lhes tira o ar... *Reaprendem a respirar*. Às vezes simplesmente fazendo diferente do que o sistema espera que façam: abrindo janelas e portas para que a vida reocupe o seu lugar no trabalho educativo. Com planejamento coletivo sério, mas sem enquadramento e padronização burra.

*Educar é humanizar, nos grita Paulo Freire desde onde esteja*... E já não são poucas as escolas em que esse “sopro de vida” chega com o nome de *Reforma Agrária Popular*, ou com o nome de um de seus pilares centrais, a *Agroecologia*, devolvendo ou fortalecendo sua energia vital...

## **Agroecologia: “sopro de vida” nos assentamentos e nas escolas**

A Agroecologia é um dos pilares centrais da construção da Reforma Agrária Popular, exatamente porque se refere ao modo de produzir que desenha a função social da terra em uma forma de relação metabólica do ser humano *com* a natureza e não contra ela. É a continuidade da luta e da construção do próprio Movimento. E a favor da humanidade. Por isso é desafio enorme *territorializar os processos produtivos agroecológicos*. É preciso que esse “sopro de vida” chegue a cada vez mais comunidades, que elas se apropriem do acúmulo prático e científico da Agroecologia e tomem a decisão de iniciar processos de *transição*, entrelaçando formas de produzir, de lutar, de viver.

O MST tem convidado as educadoras e os educadores das escolas de assentamentos e acampamentos para que sua cotidiana *resistência ativa* contra o desmonte neoliberal do próprio sentido da educação se entrelace organicamente com a construção da RAP e especialmente da Agroecologia. Esse entrelaçamento integra *o novo ciclo evolutivo da Pedagogia do Movimento*<sup>3</sup>. E ajuda a revivificar a função social das escolas do campo.

Participar do esforço de *espraiar e enraizar a Agroecologia* é uma das grandes tarefas que a escola pode assumir para ajudar na construção da RAP. E essa não é uma tarefa que tira a escola da sua tarefa específica. Pelo contrário. É tarefa que permite seu reencontro, pela mediação do conhecimento, com uma das dimensões essenciais da formação do ser humano que é pensar-se como parte da natureza. Ajudando a tratar do dilema central da humanidade hoje que é desenvolver *formas sustentáveis de interação metabólica com a natureza e dos seres humanos entre si*.

Tenhamos presente que a construção da Agroecologia é anterior à RAP e vai bem além dela, enquanto territórios, sujeitos e relações envolvidas. A Agroecologia é matriz de produção que desenha uma forma de agricultura, de raiz ancestral, indígena e camponesa. E ao mesmo tempo é expressão das iniciativas atuais de superação de sua forma industrial capitalista, responsável pela depredação da natureza e pelo adoecimento do ser humano. É desafio assumido por comunidades e organizações camponesas de todo mundo. E se realiza como um modo de vida, como *cultura*.

Precisamos fazer o esforço de compreender e estudar a Agroecologia no tamanho e na importância que ela já tem. Ao mesmo tempo na sua dimensão local e imediata e na dimensão mais geral, universal que a insere no movimento histórico evolutivo da humanidade.

*Do ponto de vista imediato* a Agroecologia representa um novo vigor para as unidades de produção camponesa. Em muitos lugares trata-se de um “sopro de vida” para aquelas famílias ou comunidades que mesmo de origem camponesa, acabaram caindo no círculo asfixiante do modelo do capital para a agricultura (caíram na armadilha dos agrotóxicos, das sementes transgênicas...). A agroecologia representa o retorno à raiz camponesa que lhes dá fôlego de resistência ativa...

Trata-se de um reencontro, em outro patamar, com a forma camponesa originária de fazer agricultura, em uma relação com a natureza consciente e intencionalmente planejada para ser de interação e não de pretensa dominação que a explora até o limite... da vida. Reencontro que é também de luta por maior autonomia em relação ao capital, mesmo que ainda não seja possível escapar do seu ciclo de reprodução que supõe a exploração de toda forma de trabalho vivo, a qualquer custo, ambiental e social.

---

<sup>3</sup> Uma sugestão de leitura sobre a relação entre a Pedagogia do Movimento e a construção da RAP: texto “Caminhos para transformação da escola: pedagogia do MST e pedagogia socialista russa” publicado em: CALDART, R. S. e VILLAS BÔAS, R. L. (orgs.) *Pedagogia Socialista*. Legado da revolução de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 261-285.

*Do ponto de vista histórico* a Agroecologia pode ser vista como um modo de produzir que projeta a nova forma histórica de trabalho social, de relações sociais de produção que sucederá o modo de produção capitalista se a humanidade, e especialmente se a classe trabalhadora for capaz de lutar e construir essa superação. Ela nos convoca “a repensar o metabolismo sociedade-natureza, como parte de um projeto societário”<sup>4</sup>.

No mundo cresce o interesse pela Agroecologia porque ela mexe com duas questões centrais ao futuro da humanidade: a *questão do alimento* (que inclui ar e água), em sua relação com a *saúde* dos seres vivos, e a *questão ambiental*. Questões que assumem importância estratégica cada vez maior, inclusive do ponto de vista geopolítico e da luta de classes mais ampla.

Por isso hoje a Agroecologia é uma das *questões da atualidade*, uma questão “epocal”, diria Paulo Freire. Processos educativos que assumam como objetivo trabalhar a compreensão da realidade atual não tem como não incluir a Agroecologia no seu plano de estudos. *A Agroecologia não pode ser ignorada pelas escolas comprometidas com o projeto educativo emancipatório de nosso tempo*. E isso vale para as escolas do campo e da cidade. Porém das escolas do campo, e mais ainda de áreas de Reforma Agrária, pela sua inserção política e organizativa, se espera que avancem mais nessa compreensão exatamente porque estão nos territórios de luta pela sua construção e podem se inserir organicamente em seus processos vivos... E se espera que possam ajudar a construir uma chave de trabalho pedagógico que dialogue com processos educativos de outras escolas...

O sistema que asfixia a escola tenta expulsar de muitos jeitos esse sopro de vida que pode colocá-lo em questão... Tanto mais porque se trata da formação das novas gerações que podem decidir lutar e construir outro sistema. Mas em muitos lugares, educadoras e educadores, em suas comunidades educativas, já experimentam como o vínculo orgânico entre educação e agroecologia fortalece a energia vital das duas. Por isso essa aproximação está crescendo e cada vez mais tem sido objeto de estudo e de processos continuados de formação de educadores Brasil afora.

### **Como estudar Agroecologia na Educação Básica**

O MST assumiu o desafio de construir um *método de estudo* da Agroecologia nas Escolas de Educação Básica. Conteúdo e forma de trabalho, a partir de diferentes práticas em andamento e no diálogo com outras organizações e outros sujeitos coletivos da Educação do Campo. Trata-se de um *esforço coletivo e intersetorial* que tem acontecido em diferentes níveis e iniciativas, nos coletivos de setores, em cursos e atividades de formação de educadores, e que necessita do envolvimento de coletivos de cada vez mais escolas nesse desafio de construção orgânica. Ainda não temos uma sistematização concluída, mas há pontos a destacar sobre isso nessa exposição.

Um primeiro cuidado que precisamos ter é de não cair na armadilha de tentar inserir a Agroecologia na visão atual da política educacional sobre as finalidades da educação básica: como preparação de mão de obra barata para o “mercado de trabalho”. Na mera transposição isso seria ensinar habilidades técnicas para que os estudantes ajudem a tocar a produção familiar ou mesmo para que se empreguem nas empresas, talvez agora de produtos “orgânicos”. Tenhamos muito claro que *as exigências formativas da Agroecologia são inconciliáveis com a visão pragmatista e alienada de educação da ideologia neoliberal* que tenta tomar de assalto a educação escolar da classe trabalhadora na atualidade, seja a básica ou a profissional, de nível médio e superior.

---

<sup>4</sup> Verbete “Agroecologia”, escrito por Dominique Guhur e Nivia da Silva. Dicionário Agroecologia e Educação, no prelo.

E mesmo dentro de uma visão alargada de educação profissional é necessário distinguir a especificidade do estudo de fenômenos do mundo da produção quando se trata da educação básica. O acúmulo de reflexão sobre *educação politécnica* nos ajuda bastante nessa reflexão<sup>5</sup>.

Na educação básica pensada desde a nossa concepção de educação e de Agroecologia, o objetivo principal do estudo da Agroecologia é *compreender seus fundamentos*, científicos e culturais. O que se torna mais denso pela inserção em processos de trabalho vivo da própria agricultura. É preciso entender não apenas como se faz, mas porque se faz de um jeito e não de outro. Situar a Agroecologia na história da agricultura e compreender quais os princípios básicos de uma abordagem ecológica e social da agricultura. Entender porque não é essa a abordagem da agricultura capitalista ou da agricultura como negócio. E entender o que são exatamente as formas mais sustentáveis de interação metabólica dos seres humanos com a natureza e entre si, em relação àquelas que o capitalismo instituiu na agricultura como em todos os processos produtivos.

Para estudar os fundamentos da Agroecologia e sua construção histórica nas escolas precisamos elaborar uma *síntese de compreensão do núcleo essencial da Agroecologia* próprio às finalidades da educação básica ou dos processos de educação geral que devem compor os cursos de educação profissional de várias áreas. E essa síntese precisa ser feita desde uma chave pedagógica exatamente para colocá-la em diálogo com a especificidade da tarefa educativa da escola. O acúmulo da *Pedagogia do Movimento* (matrizes formativas e reflexões sobre a escola) é nosso apoio básico.

Uma *chave geral de estudo* pode ser apreendida da própria *concepção de Agroecologia* que vem sendo firmada pela práxis das organizações camponesas e particularmente pelo MST na luta/construção da RAP. Nessa concepção a Agroecologia se define no entrelaçamento de três grandes elementos ou dimensões: *prática, ciência e luta*. Que se conectam entre si: as práticas e as lutas orientam a produção da ciência; a ciência fundamenta as lutas e reorienta práticas... E essas dimensões não precisam ter como protagonistas sujeitos diferentes. Comunidades, famílias, organizações camponesas e cientistas ou intelectuais orgânicos são os sujeitos principais dessa construção que tem origem na práxis camponesa ancestral.

Isso nos dá uma *chave geral de estudo*. Não se entende o que é Agroecologia sem entender as *práticas de agricultura camponesa*, suas características essenciais e no que se diferenciam da agricultura industrial capitalista. Essas práticas são a *base material da Agroecologia* e permitiram constituir o que hoje já se afirma como *ciência da Agroecologia*, exatamente porque entranham determinados *sistemas de conhecimento* ecológicos e sociais sobre o que é agricultura, suas finalidades, suas formas. Esses são conhecimentos que precisam ser reapropriados pelas novas gerações de camponeses, e é desafio torná-los objeto de estudo nas escolas.

A *ciência da Agroecologia* (ou a Agroecologia enquanto ciência) construiu uma *chave de análise* de suas práticas camponesas e indígenas originárias, com o objetivo de estabelecer conceitos e princípios universais que passam a orientar novas práticas de agricultura hoje e em qualquer lugar do mundo. Esta chave tem o nome de *Agroecossistema*, que é um modo de olhar a agricultura como um sistema orgânico, ou um sistema de relações entre diferentes componentes, materiais e imateriais e que acontecem em um determinado ambiente ou território e incidem sobre ele. Foi inspirada no conceito de *ecossistema* que vem da Ecologia e se entrelaça às contribuições das ciências que estudam a história do trabalho humano e os sistemas sociais.

---

<sup>5</sup> Cf. sobre isso o texto “Trabalho, agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo”, publicado em: CALDART, R. S. (org.) *Caminhos para transformação da escola 4: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 115-160.

Essa chave nos permite olhar para um determinado recorte da realidade viva, um lugar pequeno ou grande: pode servir para analisar uma roça ou pode servir para pensar o planeta...; ou pode servir para analisar uma *unidade de produção camponesa*, por exemplo, buscando apreender (constituir pelo pensamento) a totalidade de componentes e conexões que ela envolve: o modo de produzir e como acontece nele a relação entre ser humano e natureza, as relações sociais de produção ou diferentes sistemas produtivos, o uso de tecnologias, as relações de gênero, entre gerações, o modo de vida cotidiana, a cultura, a arte, a visão de mundo, os conhecimentos, as estruturas institucionais, a forma de acesso à terra e a outros bens naturais, as formas de participação, de tomada de decisões sobre a produção e sobre outras dimensões da vida em comunidade, os cuidados com a saúde, a estética, a educação...

Esse olhar relacional permite compreender a dinâmica de um agroecossistema, suas determinações, e como se conectam os componentes materiais que tornam a vida humana possível: sementes, solo, água, plantas, animais, alimentos, corpo humano... E permite analisar o grau de *sustentabilidade ecológica* (qualidade do metabolismo matéria-energia) e *social* (qualidade das relações de trabalho) do seu motor produtivo e as implicações sobre o todo da vida. Vida humana e vida da natureza de que o ser humano é parte, mesmo quando alienado dela...

Agroecossistema é uma chave teórica pela qual podemos entender a materialidade da Agroecologia. Por isso é *desafio formativo para as educadoras apropriar-se dessa chave e de seus fundamentos científicos*, de modo a traduzir esse conjunto de conhecimentos em uma forma curricular que seja adequada às características das diferentes faixas etárias e aos objetivos específicos de cada etapa da educação básica.

*A Agroecologia é uma ciência de síntese*: na sua constituição há diferentes campos de estudo ou diferentes disciplinas científicas em interação: além do encontro central entre a Ecologia e a Agronomia (por sua vez também ciências de síntese) que a identifica, trouxe aportes importantes do conjunto das ciências da natureza, bem como da Antropologia, Geografia, Sociologia, Economia, História..., que permitem ampliar as dimensões do estudo e do manejo de agroecossistemas.

E à medida que se avança na abordagem da Agroecologia em perspectiva histórica, entra com mais força no quadro de seus fundamentos científicos a *Economia Política* que analisa a lógica da exploração do trabalho e da natureza na sociedade capitalista. É essa análise que nos permite entender porque é tão difícil restaurar a abordagem ecológica da agricultura enquanto o sistema capitalista for dominante...

Essa compreensão nos é trazida especialmente pela dimensão da *Agroecologia como luta*, firmada pelas organizações camponesas e movimentos populares que têm assumido a Agroecologia como parte de sua estratégia. A práxis dessas organizações desvela/constitui a conexão entre o *modo de produzir* e a *disputa de territórios* pelas formas antagônicas de agricultura, os projetos de campo; *questão agrária, questão ambiental, luta de classes*. Junta luta pela terra e pela reforma agrária, com luta pela soberania alimentar e energética, pela soberania popular, pela igualdade social em suas diferentes dimensões...

Essas lutas acabam explicitando e têm buscado trabalhar também com as *tensões internas à construção prática e teórica da Agroecologia*: nem todos os seus sujeitos entendem que para ser radicalmente “a favor” da Agroecologia é necessário ser radicalmente “contra” o capitalismo e trabalhar estruturalmente pela sua superação...

Observemos que por desenvolver uma *visão sistêmica da agricultura*, a Agroecologia interconecta (não apenas justapõe) a abordagem ecológica e social da agricultura, necessitando entrelaçar conhecimentos das *ciências naturais* e das *ciências sociais*. Pensando no estudo a ser feito nas escolas de educação básica isso nos traz desafios que não são pequenos. Tradicionalmente as ciências naturais e sociais estão bem afastadas tanto na escola como na formação de educadores.

Um *desafio imediato*, já assumido em muitas experiências que temos pelo país, é organizar situações na escola em que seja necessário aos professores trabalhar com objetos de disciplinas que não são as suas, e de preferência em processos coletivos de discussão, planejamento... Pequenas iniciativas que exijam a integração de áreas, interação entre docentes, que podem ajudar a mudar o modo de pensar o que é estudar e como organizar o estudo na escola... E podem explicitar as necessidades de formação do coletivo e de cada pessoa.

Um desafio *processual* é alterar a própria lógica da formação de educadores, mas que podemos ir experimentando desde já em atividades mais sistemáticas e orgânicas de formação<sup>6</sup>. O processo de estudo de todos (educadores e estudantes) avançará muito mais se cada docente entender o básico das duas áreas e pela própria via do estudo dos fundamentos da Agroecologia. Ao ponto de que docentes formados nas ciências sociais não estranhem tanto quando se trate de fluxo matéria e energia, metabolismo,..., fatores bióticos e abióticos...; e os docentes formados nas ciências naturais não estranhem quando se começa a tratar de reapropriação social da natureza, territórios, mais-valia, luta de classes... Certamente isso fará bem para desalienação do trabalho e para a vida de todos...

De qualquer modo, a orientação do estudo da Agroecologia não pode ser feita por um docente ou uma disciplina isolada: requer e possibilita o trabalho coletivo. É necessário que todas as áreas do currículo se envolvam. Por isso a entrada da Agroecologia nas escolas precisa ser planejada, não como algo à parte, uma ação ou programa a mais, mas como uma das dimensões de realização do vínculo entre educação e trabalho, educação e vida. E pensando a escola como um todo e não apenas as salas de aula como o *ambiente educativo* no qual essa apropriação de conhecimentos aconteça, entrelaçada com valores, relações sociais e posturas diante da vida, das pessoas e em conexão orgânica com o ambiente em que a escola se insere e que pode ajudar a transformar...<sup>7</sup>

*Sejamos diretos ao finalizar essa exposição*: trabalhar a sério com a Agroecologia na educação básica exige um esforço grande de estudo dos educadores, das educadoras e a abertura coletiva a novas práticas, novas relações. Mas esse esforço pode ser visto tal como o esforço, a disciplina, mesmo o sacrifício de fazer uma reeducação alimentar para voltar a ter saúde ou fazer exercícios de fisioterapia para tirar a dor... *Reaprender a respirar também exige esforço*... Estudar sobre questões tão fortes e determinantes da vida exige um esforço e uma disciplina compensados pelo resultado: desasfixia e restabelece a energia vital! Só pode fazer bem às educadoras, aos educadores, às comunidades e, muito especialmente, às crianças e aos jovens que participem dessa construção...

E se nas tentativas de participar ou de pontear iniciativas no rumo da *transição* (agroecológica, pedagógica, social) que buscamos, às vezes nos vemos apenas como um “grão de areia”, nos vale o que costuma afirmar um de nossos mestres da Agroecologia, José Maria Tardin: se somos grão sempre temos a possibilidade de buscar ser um *grão de húmus*, em que a vida pode ser gestada...

---

<sup>6</sup> Registre-se que os cursos de Licenciatura em EdoC, pelas suas finalidades e características, podem ser um lugar privilegiado para realização de processos nessa direção...

<sup>7</sup> Fazer o *inventário da realidade* do entorno da escola é condição objetiva para organizar o estudo vivo da Agroecologia. Uma sugestão de roteiro de inventário foi publicada em: CALDART, R. S. (org.) *Caminhos para transformação da escola 4*: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo. 2017, p. 163-182.